

Bactéria contamina berçário em Niterói

Dez recém-nascidos podem ter morrido em 15 dias por causa de infecção em hospital universitário

Daniela Matta

• Dez bebês morreram entre os dias 15 e 30 de outubro no berçário do Hospital Universitário Antônio Pedro, em Niterói. O índice é alto se comparado à média mensal, de seis crianças, e pode ter sido causado por um surto da bactéria *Klebsiella*. Muitas crianças foram contaminadas pela bactéria de alto risco, o que acabou agravando o estado de saúde dos recém-nascidos, na maioria prematuros. Só no fim deste mês, no entanto, a direção do hospital entregará um laudo final confirmando a causa das mortes.

Nesta semana, a infecção aparentemente foi controlada. Isto, no entanto, não reduz o risco de

um novo surto. A superlotação da maternidade do Antônio Pedro, ligado à Universidade Federal Fluminense, e o número insuficiente de funcionários facilitam a propagação de doenças.

— Tivemos de pedir ajuda à Secretaria municipal de Saúde porque corríamos o risco de uma epidemia — afirma o diretor-médico, Marco Antônio Gomes Andrade.

A bactéria que atingiu os bebês é bastante grave e pode causar, entre outras doenças, a necrose das alças intestinais. O surto é ainda mais perigoso porque muitos dos bebês que nascem no Antônio Pedro são prematuros, com peso muito abaixo do normal. A contaminação teria começado por volta do dia 15 de outubro,

mas só foi detectada uma semana depois. O caso está sendo acompanhado por uma comissão da Secretaria municipal de Saúde, que deverá liberar hoje um laudo sobre a situação da maternidade. As mortes também podem ter causadas por problemas decorrentes de partos prematuros. A única certeza que a direção tem até agora é a de que houve um surto de *Klebsiella* no berçário.

Desde que o caso foi detectado, todos os bebês infectados estão sendo medicados com uma combinação de antibióticos. Nos últimos cinco dias, apenas uma criança morreu. Muitas, no entanto, ainda têm de tomar remédios para combater a bactéria. Na sexta-feira passada, por exemplo,

das 21 crianças internadas no berçário, 19 estavam com infecção. O risco de uma nova bactéria infectar um grande número de recém-nascidos também não está descartado. A superlotação é um dos fatores que mais assustam os médicos que trabalham ali. A maternidade realiza, em média, cem partos por mês, a maioria de alto risco, com bebês muito abaixo do peso normal. As crianças acabam ficando meses no hospital, aumentando ainda mais o risco de contraírem infecções.

— Não vou deixar o meu filho sozinho de jeito nenhum — afirma Regina Lúcia Pontes, mãe de uma criança que nasceu no dia 10 de setembro e continua internada devido a uma infecção.

O berçário, que tem capacidade para 34 crianças, já chegou a ter 61 em um mesmo dia. Ontem, nove mulheres ocupavam camas instaladas no corredor principal da maternidade. Duas das pacientes estavam deitadas sobre bancos de madeira retirados da sala de espera e transformados em leitos. A situação no berçário e na UTI neonatal não é muito diferente. Os berços, que deveriam ser colocados a uma distância mínima de 50 centímetros entre um e outro, estão lado a lado, facilitando a propagação das doenças.

— Estamos constantemente superlotados e temos medo de que, com isto, tenhamos que baixar a qualidade do atendimento no hospital — afirma o diretor. ■